

# BOLETIME

boletim informativo do ime usp

produção do centro acadêmico de matemática, estatística e computação | dezembro.2023

## Resposta ao texto “Transferência Interna” da 5a edição do boletIME.

Resposta de um estudante de BCC por transferência interna sobre o texto “Transferência Interna” da edição passada.

página 2

## Ter HIV na USP, ou o uso do Hífen na Língua Portuguesa

O texto a seguir foi escrito pelo professor Jorge Adrian Beloqui, um importante docente do IME-USP, que se destacou por ser um dos maiores ativistas pelos direitos de pessoas soropositivas, além de sua militância no movimento gay. Infelizmente, Jorge faleceu em março deste ano, e no dia 01/12 uma árvore foi plantada no jardim do IME em sua homenagem.

página 3

## Repasso do CCA de 11 de novembro de 2023

Um repasse breve escrito por um membro do CAMat sobre a última reunião com o CCA (Conselho de Centros Acadêmicos), no dia 11 de novembro, e algumas ponderações sobre a greve.

página 5

## Carta da gestão Alexandra Elbakyan à Comunidade Estudantil do IME

Carta escrita pela nova gestão eleita do CAMat à comunidade imeana.

página 6

## Repasso da reunião com o Ministério Público do dia 29 de novembro

Um repasse breve sobre a reunião que ocorreu junto ao Ministério Público como parte das negociações de desocupação do Bloco K.

página 7

## Por que Alexandra Elbakyan?

Breve explicação da gestão sobre o porquê do nome “Alexandra Elbakyan”

página 8

## Por que a ciência é melhor com o comunismo? O caso do Sci-Hub

Uma tradução da transcrição da palestra “Why science is better with communism?” dada pela Alexandra Elbakyan, 2016.

página 8

*chapa*

**ALEXANDRA ELBAKYAN**

*eleita para gestão 2024 do CAMat*

**quórum: 125 votos**

113 votos a favor  
12 votos brancos/nulos

*Escreva sobre absolutamente tudo da USP, desde observações políticas, frustrações e alegrias com seu instituto, ou até mesmo o seu dia-a-dia como estudante da USP.*



## Resposta ao texto “Transferência Interna” da 5ª edição do boletIME.

*O texto a seguir foi enviado via o forms de contato do BoletIME e não necessariamente condiz com a opinião do corpo editorial*

Eu entrei no BCC por transferência interna. Como já fui RD, já participei do processo de seleção da transferência interna; então, tenho muitas informações sobre o assunto.

Basicamente, fiquei muito triste com o que li no texto pois são mentiras. A pessoa que escreveu o texto poderia ter apenas perguntado aos RDs do BCC quais são os critérios avaliados na seleção, ou até conversado com o professor coordenador do curso, mas ela escolheu escrever um texto dizendo coisas sobre as quais não sabe.

Vou explicar um pouco como funciona o processo: há 3 partes, primeiro há uma análise de currículo, onde você envia seu histórico escolar; a segunda parte é uma prova de estrutura de dados e outros assuntos básicos de computação; e finalmente, uma entrevista com 3 professores do DCC e um aluno, normalmente um dos RDs.

Sobre a parte 1: eu passei por essa fase com 4 matérias reprovadas e uma média ponderada péssima. O objetivo desta fase é apenas filtrar pessoas que entram em cursos “mais fáceis de entrar pela Fuvest” para se transferirem para os cursos com notas de corte mais altas depois. Ou seja, se você está num curso por mais de 1 ano e está cursando algumas disciplinas por semestre, a chance de você passar pra próxima fase é alta. Além disso, os professores levam em consideração de qual instituto você está vindo. Logo, se você tem notas baixas mas vem de um instituto que é famoso por ter disciplinas difíceis (como o IME), isso também é levado em consideração. Infelizmente, quanto mais o tempo passa, mais pessoas se inscrevem no processo de transferência interna para o BCC e o IME é um lugar com uma quantidade de salas e funcionários finita, então aplicar uma prova de transferência para mais de 100 pessoas é inviável (lembrando ainda que algum professor tem que corrigir todas as provas).

Por isso, além dos critérios principais que eu citei acima, outros critérios tiveram que ser adotados ao longo do tempo para que a segunda fase fosse viável. Alguns critérios que eu sei que são levados em consideração é o quão longe da computação está o curso que a pessoa cursa, por exemplo, se você é do BMAC, os professores consideram que você já está na área da computação, então suas chances acabam sendo menores que alguém que estaria vindo da FFLCH por exemplo.

Sobre a parte 2: quase todos os institutos aplicam provas no processo de transferência, então é natural que isso também aconteça no BCC. Para passar para a próxima fase o candidato tem que acertar 70% ou mais da prova (que é dissertativa). No meu caso, a prova cobria coisas de computação que eu ainda não sabia, e tive que aprender sozinho para conseguir resolvê-la.

Sobre a última parte: na entrevista os professores pedem para o candidato falar um pouco sobre si mesmo e contar o motivo de estar pedindo a transferência. Critérios que normalmente são avaliados nesta parte são questões de participação, pois o BCC é um curso que preza pela participação dos alunos nas atividades extra-curriculares. Ou seja, se você já participa de algum grupo de extensão do BCC antes de ser aluno do curso, você já ganhou vários pontinhos na entrevista. Outro critério é o quão certa a pessoa está em relação à transferência. Pessoas que demonstram estar neutras em relação ao fato de serem aprovadas ou não têm menos prioridade que pessoas que demonstram estar extremamente animadas com o curso e dizem que continuariam tentando a transferência até conseguirem passar.

Pra finalizar, acredito que é impossível fazer um processo de seleção 100% justo, mas não acho que o caso da transferência interna do BCC esteja muito longe disso. Sinto muito que você não tenha passado, mas tenho certeza que a culpa não foi sua e nem do processo, mas sim da concorrência, que a cada ano aumenta quase exponencialmente. (A última vez que olhei havia mais de 100 candidatos pra 4 vagas). Sugiro que você continue tentando a transferência e a Fuvest enquanto pega disciplinas do BCC. Espero que você consiga entrar c:

## Ter HIV na USP, ou o uso do Hífen na Língua Portuguesa

*Texto de autoria de Jorge Beloqui originalmente publicado em maio de 1996 na Revista ADUSP nº6*

Faz uns anos que sei que tenho o HIV. Tomei AZT durante quatro anos e depois ddl por dez meses. Em dezembro de 1995 fiz um exame de CD4. Soube do resultado em janeiro: 340 CD4/mm<sup>3</sup>. Contagem normal: maior do que 1000. Se você tiver HIV e menos de 500, talvez deva tomar algum remédio como AZT, ddl, ddC, etc. A contagem anterior era 390; logo, o remédio já não estava mais dando o resultado esperado.

Quando voltei de férias, meu médico - eu gosto dele; desde que comecei a me tratar do HIV, é o terceiro - me recomendou voltar ao AZT em combinação com o Epivir, também conhecido como 3TC ou Lamivudine. Eu sabia que o 3TC não era fornecido gratuitamente pelo Ministério da Saúde, como os outros dois. O Hospital do Servidor não fornece estes remédios tampouco. Perguntei como obter.

-Pode-se importar dos EUA. Foi liberado pela FDA em novembro do ano passado. Deve custar uns 300 US\$/mês. E se prepare porque daqui a pouco você pode ter de tomar o Saquinavir, a US\$ 600/mês, disse o médico.

Decidi, então, solicitar, por carta, ao reitor, que a Universidade de São Paulo me pagasse este remédio, e os que viessem no futuro. Explico, agora, o porque de ter tomado esta medida. Conheço várias empresas que têm plano de saúde para seus funcionários e programas de pagamento de remédios, exames, etc. Banco do Brasil, Banespa, Souza Cruz, Fundação Cesp, Credicard, Petrobrás, Xerox do Brasil, Vale do Rio Doce, entre outras.

Mandei a carta pelas vias formais: pedi ao meu chefe de departamento para encaminhá-la. Ele, por sua vez, encaminhou para o diretor do Instituto e este para o reitor. Pensei: estou revelando meu status de HIV positivo no Instituto de Matemática e Estatística (IME) para algumas

pessoas, e para todas as pessoas que lerem esta correspondência. Qual é o problema? A discriminação à qual você se expõe pode vir a ser aparente ou silenciosa. Mas isso não importa, preciso que me paguem esse remédio porque com meu salário não dá.

Solicito ao meu chefe que pergunte se tem algum atendimento para pessoas com HIV na USP. Quem sabe na Coseas, no Hospital Universitário (HU)? Ele averigua. No HU, dizem para ir ao Emílio Ribas, o que significa que no hospital da universidade não existe atendimento, uma vez que o Emílio Ribas nada tem a ver com a USP. A Coseas, por sua vez, não se ocupa mais de saúde.

Em 22 de janeiro deste ano, escrevo ao reitor. Começo a aguardar a resposta.

Enquanto isso, processo emocionalmente a mudança de medicamento: é um cartucho que se queimou, estou precisando de um remédio aprovado três meses antes.

-Poxa, Jorge, penso comigo, você está usando medicamentos da fronteira do conhecimento; quando este falhar, esperemos que você não tenha atravessado a fronteira.

Há algo de luto nesta mudança; preciso sempre de um tempinho mental antes de começar uma nova terapia. Lembro do primeiro AZT (o primeiro AZT a gente nunca esquece, escreveu o Herbet Daniel). Entretanto, continuo fazendo minha ginástica, e me preparando para o começo do semestre.

Decido: vou esperar até o início das aulas para falar com meus colegas do IME sobre meu pedido. Fui para o Rio de Janeiro e desfilei no Carnaval. A minha escola caiu do primeiro para o segundo grupo. Presságio? Antes da viagem falo com os companheiros da Adusp: seria possível que eles falassem com a Reitoria para saber se tem novidade?

Comecei as aulas; liguei para o gabinete do reitor: "Na próxima semana haverá uma resposta", dizem do outro lado

da linha.

No dia 1º de março vejo no meu escaninho a resposta da Reitoria em envelope aberto. Um mês e uma semana para responder ao pedido de um medicamento.

Enquanto isso, uma amiga de uma ONG - milito em ONGs/AIDS desde agosto de 1989 - me liga e diz:

-Jorge, tenho duas doses de Eпивir para você.

-Obrigado, Paula, vou pegar o medicamento.

A resposta da Reitoria vem no sentido oposto: não dispõe de recursos. No futuro vai analisar a complementaridade do SISUSP ao IAMSPE etc. Não é com ela. Diferente dessas empresas que citei.

-Trabalhei 15 anos para a instituição errada?, penso. O que significa “comunidade universitária” neste contexto?

As aulas começam; tenho uma turma de 86 alunos. No semestre passado, tinha uma de 75 e outra de 85. Como se vê, meu estado clínico é excelente!

Falo com meus colegas do IME. Inicialmente apenas com alguns. Parece que sou meio brutal. Chego e digo:

-Luís, tenho HIV, preciso de um remédio chamado 3TC. O Ministério da Saúde paga o AZT mas não este outro. Pedi para a Reitoria. Ela negou. Acho que o IME tem que fazer alguma coisa.

Choque inicial dos meus colegas; mas eles aguentam o tranco e dizem: “Vamos apresentar isto para o conselho do Departamento”. O Conselho se manifesta por unanimidade no sentido de que: “... a Universidade providencie rapidamente a estrutura necessária para todos os estágios de tratamento dos portadores de HIV”. Em particular “...o imediato fornecimento do medicamento ao professor...”

Há a iniciativa de um abaixo-assinado e a seguir afixo a correspondência com a Reitoria no mural da Adusp. As reações continuam: há choros, abraços, “conte comigo”, “o que precisar”, dificuldade até em me abordar para me dizer todas essas coisas. Reclamação: “Como você não me contou

antes?”. Eu também tenho dificuldade: me emociono, é muito sentimento de uma vez.

Mas aqui se nota que trabalhei por 15 anos no IME. Um conceito de comunidade universitária diferente: com solidariedade. Obrigado, colegas! Vocês são ótimos!

Aí fico sabendo que teve funcionário do IME que morreu de AIDS faz dois anos. Como eu não soube? Muitos sabiam que eu participava do trabalho com as ONGs/AIDS. Poderia tê-lo ajudado com alguma coisa. Foi o medo da discriminação, inutilidade de pedir auxílio à USP? A clandestinidade e a discriminação aceleram o curso da doença. Mas para que contar na USP se eles não vão fazer nada?

Vários funcionários e professores da USP têm HIV ou AIDS. Se tratam fora da USP. Outros morreram, como o Jacques no meu Instituto. E sei de outros em outras unidades. Quantos alunos, funcionários e professores devem morrer para que a USP tome alguma providência? “The answer, my friend, is blowing in the wind...”

Em 3 de março, começo a tomar o AZT+3TC. Pergunto a Paula:

-Não vou pagar nada por isto?

-Não, Jorge. Estou dando isto para você porque meu amigo não vai usar, diz ela.

-Mas alguma coisa devo pagar, nem que seja US\$ 100.

-Já que você quer saber, ele não precisa mais. Foi desta para melhor, conta minha amiga.

-Então, tá.

Vou no HU, para me certificar das coisas lá. Falo com o clínico que tenho HIV e preciso de 3TC. “O HU não fornece medicamentos”, afirma o clínico. Então quero fazer o exame CCD4, digo. “A gente não faz esse exame. Damos guia para retirar medicamento na Secretaria da Saúde”, diz o médico. Poxa, penso, eles não dão medicamento nem fazem exame. Devem tratar pelo poder da mente.

Escrevo para o diretor do Hospital Universitário: “Vocês querem se livrar dos pacientes com HIV. Não fazem exame nem dão medicamentos. Obviamente o paciente vai preferir

ir no hospital que dá os medicamentos ou no que faz exames para poupar uma viagem. E na hora que ficar doente, nem se fala, a viagem se torna um esforço muito grande. Sugiro formar um Conselho de Usuários constituído pela Adusp, Sintsup, DCE e associações de moradores dos bairros próximos. Afinal, eles são os destinatários dos serviços, os consumidores.”

A resposta vem rápido. Este é o seu mérito. Fala que AIDS precisa de atendimento especializado etc., e que lá não existe esse atendimento. Respondo que AIDS é a primeira causa mortis em São Paulo na faixa de 25 a 44 anos (dados do SEADE). Merece assistência em qualquer hospital. Sempre o argumento da especialização. Na verdade, quando não quer atender, quando quer mandar para “outro lugar”, quando quer excluir. Se for necessário, aprenda! Pra quê estar numa universidade? Qual é o seu conceito de comunidade universitária?

Leio na Folha de S. Paulo, num domingo, que os imigrantes brasileiros ilegais com HIV/AIDS nos Estados Unidos têm um tratamento muito bom: medicação, hospital etc. Só não podem sair do país porque, então, não podem voltar. Mas a saúde é garantida. Penso: imigrante brasileiro ilegal com HIV/AIDS nos EUA tem melhor atendimento do que o que é oferecido a um professor da USP pela USP.

O abaixo-assinado circula entre os professores do IME. Assinam uns 80%. Outros dizem que não vão assinar porque deveria se pedir por todas as doenças crônicas e não só por algumas. Sugiro que mandem cartas à Reitoria neste sentido; talvez tenham pensado em alguma coisa ainda melhor para fazer, porque não fazer nada é deixar tudo como está. A conferir: nem todos precisam seguir os mesmos caminhos.

Entretanto, todo o mundo já sabe que tenho HIV. O ambiente matemático do Brasil também. Devo me apressar a escrever para alguns amigos pelo correio eletrônico para que saibam diretamente de mim e não por terceiros. São mensagens duras e cruas, mas é assim mesmo. Ficam esperando notícias para tomar alguma atitude. Mas uns dias depois começam a circular abaixo-assinados no Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Obrigado, queridos!

Alguns dizem: “Nós admiramos a sua atitude corajosa e a sua luta política”. Não é tão corajosa. É a única coisa que tinha a fazer. Primeiro fui pelas vias institucionais. Não deu certo. O que sobrava: a clandestinidade? Ela mata. Tendo HIV e menos de 500 CD4; tem de se tratar. Só sobrou falar para os meus colegas. Se eu tivesse conseguido a mediação, não teria falado publicamente que tenho HIV; talvez não agora. Tenho medo da discriminação e não tenho pasta de herói nem de mártir. É claro que há uma luta política, que eu apoio. Sem meu depoimento, se a luta se desenvolvesse em abstrato - “Façamos uma campanha para que as pessoas com HIV/AIDS da USP tenham um bom atendimento” -, seria mais difícil. Está é minha contribuição para essa luta. O resto é de toda a comunidade universitária - inclusive eu.

Sou ateu; tive uma educação católica. Lembrei do vídeo de uma ONG, a ISER, chamado: “Estive enfermo e fostes verme” (Mateus). Soa igual a: “Estive enfermo e fostes verme”. Taí, o uso do hífen na língua portuguesa.

## Repasse do CCA de 11 de novembro de 2023

*Texto escrito pelo membro do CAMat que esteve presente na reunião do CCA*

Esse foi o primeiro CCA depois da greve e tivemos a oportunidade de discutir muitos temas relevantes. A princípio foram feitos repasses sobre a greve em diferentes institutos. O CAMat fez um repasse sobre a aplicação do BoletIME na greve como um ambiente de debate, que fez coro com outros repasses de institutos do Baixo Matão, como o da Física que instituiu uma tribuna de debates.

Um ponto que me chamou atenção foi o debate sobre o fim da greve, em que o DCE rachou entre a UJC, que reconheceu a legitimidade da assembleia realizada na ocupação, e os demais coletivos (Juntos e Correnteza), que não reconheceram aquele espaço. Me surpreendeu a crítica de um determinado setor que estava presente no CCA, que mesmo tendo sido crítico a ocupação, apontou que essa

fragmentação do movimento estudantil no momento final foi muito prejudicial. Nas palavras deles, o setor que ocupa o DCE atualmente, que compõe a oposição de esquerda nacionalmente, não pode se dar ao luxo de errar e abandonar espaços como esse, porque isso abre espaço para o oportunismo de outros setores como as juventudes do PT.

Em seguida, o tensionamento foi para determinação do calendário, por dois problemas: o calendário eleitoral do DCE e uma possível Assembleia Geral. O ponto da Assembleia Geral é polêmico porque haviam setores ali no CCA que pressionavam pela assembleia porque não houve um encerramento formal da greve, e também porque seria papel dos estudantes definirem o novo rumo do movimento estudantil uspiano diante do racha do DCE. Foi pontuado que as assembleias gerais na forma que são feitas atualmente acabam sendo apenas assembleias do campus Butantã, pois não contemplam os interiores, muitos dos quais sequer aderiram a greve.

A proposta alternativa foi a de não realizar a assembleia, entendendo que estamos no fim de semestre, e seria mais produtivo buscar assembleias de curso e debater os temas localmente, posição que o CAMat seguiu, votando contra a assembleia geral.

No que diz respeito a eleições, o debate foi muito parecido: o mandato atual já deveria ter se encerrado e um setor argumentou que já não se sabe exatamente qual é a natureza dessa chapa, que está dividida, então se faria necessário a eleição. Por outro lado, a greve fez com que a comunidade discente em geral estivesse muito sobrecarregada nesse final de semestre, e muitos CAs estavam organizando suas eleições locais (como nós do CAMat). O representante de um CA de Bauru apontou que, por exemplo, não seria possível realizar as eleições no campus.

Nesse sentido, assim como uma assembleia geral sem adesão do corpo estudantil não faz sentido, uma eleição em que não se possa garantir a participação estudantil ampla não faz sentido. A proposta, que o CAMat votou a favor, foi de estender o mandato e realizar um CCA eleitoral em algum momento de janeiro a ser definido para realizar eleições no início do ano que vem, após a calourada.

## Carta da gestão Alexandra Elbakyan à Comunidade Estudantil do IME

Nós, da chapa Alexandra Elbakyan, viemos publicamente agradecer pela confiança em nosso programa e em nosso trabalho, expressa através dos 113 votos recebidos dentre os 125 registrados na última eleição (29 e 30/11) para a diretoria do centro acadêmico.

O ano de 2024 promete ser mais um ano de muita luta no âmbito estudantil e nacional, e nós, enquanto representantes des estudantes do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, nos comprometemos a continuar organizando es estudantes, seja em atos e atividades ou em debates aqui, no BoletIME, e levando a cabo aquilo que for síntese do debate estudantil IMEano.

Daremos continuidade no constante trabalho do centro acadêmico em manter o ambiente do IME um lugar acolhedor, respeitoso e antifascista, juntamente com a busca pela melhoria de nossos projetos - descritos no programa da chapa - e luta pelas mudanças necessárias na estrutura da universidade (a exemplo das lutas por mudanças no PAPFE, a reforma do curso da licenciatura, contratação de docentes e funcionários, e etc.).

Sabemos que confiança não é algo barato, por isso agradecemos imensamente a todes que confiaram em nós e nos comprometemos a pagar essa confiança com trabalho e resultado, pois é para isso que viemos.

Obrigado!

**JUNINHO VIRGILIO  
ASSISTINDO FILME  
PIRATA NO CINIME**

## Repasse da reunião com o Ministério Público do dia 29 de novembro

Como parte da mobilização da Greve da USP, foi marcada uma assembleia geral para dia 26/10, planejada para ocorrer em frente ao prédio da Reitoria. Porém, devido à Ocupação do Bloco K – onde ficava a antiga Reitoria – por um grupo de estudantes, a assembleia acabou sendo realizada em frente à ocupação.

Nesse contexto, o CAMat compôs o grupo de CA's que se posicionou a favor da Ocupação, reconhecendo a legitimidade da tática desta e da assembleia como um todo. Como condição para desocupação do prédio, foi levantado a abertura de uma mesa de negociações com o Ministério Público (doravante MP); condição pela qual fora concedida. Para compor a mesa, além dos membros da Reitoria e MP, foi exigido que fossem incluídos na escolha de onze representantes de CA's que, juntos, formariam uma Comissão. Como o CAMat reconheceu a legitimidade da ocupação, este indicou um representante para compor a mesa de negociações. Dessa forma, foi comunicado no dia 28 de novembro a data da primeira reunião como sendo no dia seguinte, 29 de novembro.

Durante essa primeira reunião, foram apresentadas quatro pautas a serem tratadas ao longo da existência da Comissão anteriormente mencionada: política de contratação de docentes e servidores, política de permanência, política de moradia, e política de inclusão. Ainda, ficou definido que irão ocorrer ao longo dos meses de fevereiro e março de 2024 mais quatro reuniões, cada uma tratando de uma das pautas. Segue as datas: 02 de fevereiro, 16 de fevereiro, 23 de fevereiro e 01 de março de 2024. Por fim, como resultado dessa primeira reunião, foi pedido pelos representantes do MP para que os representantes das entidades estudantis enviassem E-Mails sobre as demandas e “perguntas” para cada um dos tópicos da pauta até dia 15 de dezembro de 2023. Nós do BoletIME pedimos para que você, leitora ou leitor, possa engajar com essa construção através do Forms ao final do texto.

Em um determinado momento da reunião, levantou-se a

questão da entrega dos auxílios e bolsas. O assunto foi rapidamente cortado tanto pelos representantes da Reitoria quanto pelos representantes do MP com justificativa de que nem o MP nem a Reitoria são capazes de ajudar nos “casos particulares”, somente a tentativa de melhorar aquilo que foi colocado como “questões estruturais”. Após uma rodada de discussões, os representantes jurídicos da Reitoria pediram para que as unidades envolvidas enviassem E-Mails para a Procuradoria Jurídica da USP, contendo listas dos estudantes afetados. Este, notando, foi um trabalho já feito mais de uma vez por mais de uma unidade da USP.

Sendo assim, percebe-se que a Reitoria, mais uma vez, não se mostrou interessada em estar do mesmo lado dos estudantes. Continuando o mesmo exemplo anterior, a situação de carência e mal-gerenciamento dos auxílios é um problema conhecido pela Reitoria. Ela fez parte de uma das pautas centrais da Greve, que inclusive gerou uma mesa de negociações, mas que durante essa última reunião, foi colocada como “casos particulares”.

Dessa forma, nós do BoletIME pedimos encarecidamente para que você, leitora ou leitor, possa se engajar com o Forms acima para que seja possível levar as informações para as próximas reuniões de maneira mais abrangente possível, a fim de contemplar a necessidade de maior quantidade possível de estudantes.



<https://forms.gle/cfkfCSSfoxMQEuAj6>

### ATUALIZAÇÃO

No repasse, consta como motivador da participação do CAMat a indicação pela Ocupação. Contudo, ao que o CA tomou conhecimento em 04/12, a Ocupação não realizou a sua tarefa de indicar ao Ministério Público, tendo este convocado os CAs sob critérios que ainda não sabemos, podendo ter sido aleatório. Assim, há representantes na mesa de negociação que não apoiaram a Ocupação do Bloco K e tão pouco foram indicados por essa.

## Por que Alexandra Elbakyan?

Escolhemos homenagear Alexandra Elbakyan, pois ela é a criadora do SciHub. Homenagear o SciHub é um dever nosso, pois se trata da ferramenta científica mais importante no que diz respeito ao acesso a conhecimento científico.

Alexandra, que é conhecida também como a rainha da pirataria, é cientista da computação, o que se relaciona com um curso e uma área de conhecimento do IME que o CAMat precisa estar em contato e representar.

Ainda, o SciHub tem relação com ciência aberta, um dos eixos da nossa carta programa.

E um adendo é o sobrenome dela (Elbakyan) ser armênio, ainda que ela mesma seja cazaque. Os armênios estão passando por um genocídio em Artsakh, então fica essa homenagem em solidariedade ao povo armênio.

## Por que a ciência é melhor com o comunismo? O caso do Sci-Hub

*O texto trata-se de uma tradução da transcrição da palestra "Why science is better with communism?" dada pela Alexandra Elbakyan, criadora do Sci-Hub, no Simpósio do Acesso Aberto 2016 da University of North Texas.*

Antes de mais nada, obrigada por me convidar para compartilhar minhas opiniões. Meu nome é Alexandra. Como vocês devem ter adivinhado, eu represento o site Sci-Hub. Ele foi fundado em 2011 e tornou-se imediatamente popular entre a comunidade local, quase imediatamente começou a fornecer acesso a cerca de 40 artigos por hora e agora fornece mais de 200.000 por dia.

Deve-se dizer que ao longo do desenvolvimento do site, este foi fortemente apoiado por doações, e quando por várias razões tivemos de suspender o serviço, houveram muitas usuárias descontentes que clamaram pela volta do projeto para que o trabalho em seu laboratório pudesse continuar.

Este caso não ocorre apenas nos países pobres; posso dizer que nos países ricos o público também não tem acesso a

artigos acadêmicos. E nem todas as universidades têm assinaturas para aqueles recursos que são necessários para a pesquisa.

Alguns de nossos usuários insistiram que começássemos a cobrar dos usuários, por exemplo, permitindo que um ou dois artigos fossem baixados gratuitamente, mas cobrando por mais, para que o serviço fosse apoiado por aqueles que realmente precisam dele. Mas eu não acabei fazendo isso porque o objetivo do recurso é o conhecimento para todos.

Alguns defensores de acesso aberto criticam o site, dizendo que o que realmente precisamos é que os artigos estejam em acesso aberto desde o início, mudando os modelos de negócios das editoras. Posso responder dizendo que o objetivo do projeto é, antes de tudo, a disseminação do conhecimento acadêmico na sociedade, e que temos que trabalhar nas condições em que nos encontramos. Naturalmente, se as editoras acadêmicas tivessem um modelo de negócios diferente, então talvez este projeto não fosse necessário. Também podemos imaginar que se os humanos tivessem asas, não precisaríamos de aviões. Mas, de qualquer forma, precisamos voar, por isso, fazemos aviões.

As editoras acadêmicas rapidamente apelidaram o trabalho do Sci-Hub de pirataria. É certo que o Sci-Hub viola as leis de direitos autorais, mas os direitos autorais estão relacionados com os direitos de propriedade intelectual. Ou seja, os artigos acadêmicos são propriedade dos editores, e lê-los gratuitamente acaba se tornando algo como roubo, de acordo com a lei atual.

O conceito de propriedade intelectual em si não é novo, embora possa parecer o contrário. A história dos direitos autorais remonta ao século XVIII, embora as primeiras menções a algo semelhante possam ser encontradas no Talmud. É que recentemente os direitos autorais têm sido encontrado no centro do debate apaixonado, já que alguns estão tentando proibir a distribuição gratuita de informações na internet.

Entretanto, o foco central do debate é a censura e a privacidade. A defesa da propriedade intelectual na Internet

requer censura dos sites, e isso é, conseqüentemente, uma violação da liberdade de expressão. Isto também levanta uma questão de interferência na vida privada - isto é, quando o governo de alguma forma monitora os usuários que violam os direitos autorais. Em princípio, isto também é uma intrusão na comunicação.

Contudo, a própria essência dos direitos autorais - ou seja, o conceito de propriedade intelectual - quase nunca é questionada. Isto é, se o conhecimento pode ser propriedade de alguém raramente é discutido.

No entanto, nossos antepassados eram ainda mais ousados. Eles não questionavam apenas a propriedade intelectual, mas a propriedade em geral. Ou seja, há obras nas quais podemos encontrar a aparência da ideia do comunismo. Há a Utopia de Thomas More do século XVI, mas na verdade tais obras surgiram muito antes, mesmo na Grécia Antiga, onde estas questões já eram discutidas em 391 a.C.

Se olharmos os slogans do comunismo, vemos que um dos conceitos centrais é a luta contra a desigualdade, a revolta das classes suprimidas, cujos membros não têm nenhum poder contra aqueles que concentraram recursos básicos e poder em suas mãos, com o objetivo de redistribuir esses recursos.

Podemos ver que ainda hoje existe uma certa desigualdade informacional, quando, por exemplo, apenas estudantes e funcionários das universidades mais ricas têm pleno acesso a informações acadêmicas, enquanto que o acesso pode ser completamente inexistente para as instituições do próximo nível inferior e para o público em geral.

Uma ideia surge: se não há propriedade privada, então não há base para uma distribuição desigual da riqueza. Em nosso caso também: se não houver propriedade intelectual privada e todas as publicações acadêmicas forem nacionalizadas, então todas as pessoas terão igual acesso ao conhecimento.

Entretanto, surge uma pergunta: se não há propriedade privada, então o que pode estimular uma pessoa a trabalhar? Uma das ideias é que sob o comunismo, ao invés de a ganância ou aspiração à riqueza ser um estímulo ao trabalho,

uma pessoa aspiraria ao auto-desenvolvimento e ao aprendizado para a melhoria do mundo.

Mesmo que tais valores não possam ser aplicados à sociedade como um todo, eles pelo menos funcionam no mundo do conhecimento. Portanto, na União Soviética havia um verdadeiro culto à ciência - estátuas foram até erguidas para a glória da ciência - e talvez graças a isso nosso país tenha sido um dos primeiros a ir ao espaço.

No entanto, uma coisa é ter uma revolução, quando há uma redistribuição em massa da propriedade na sociedade, mas um ato de roubo é outra coisa. Isto, claro, ainda não é uma revolução, mas é um pequeno protesto contra os direitos de propriedade e a distribuição desigual da riqueza. O roubo como protesto sempre foi bem-vindo e aprovado em todas as épocas da sociedade. Por exemplo, todos nós sabemos sobre Robin Hood, mas na verdade tem havido alguns bandidos nobres na história. Eu listei apenas alguns deles.

Acho que se o Estado funciona bem, então, de acordo com isso, ele tem um sistema tributário funcional e um certo sistema de redistribuição de riqueza, e então, de acordo com isso, não há motivo para revolução, por exemplo. Mas se por algumas razões o Estado funciona mal, então as pessoas começam a resolver o problema por si mesmas. Desta forma, o Sci-Hub é uma resposta apropriada à desigualdade que surgiu devido à falta de acesso à informação.

Na foto é Aldar Köse, um herói do povo cazaque que usou sua astúcia para enganar os ricos e tomar posse de seus bens. É interessante notar que os ricos são sempre retratados como gananciosos e estúpidos. E se você olhar para o que está escrito hoje na blogosfera sobre editoras eruditas, você pode encontrar estas mesmas características.



Há também a interessante figura do antigo deus grego Hermes, o patrono dos ladrões. Ou seja, o roubo era uma atividade suficientemente respeitada que tinha seu próprio deus.

Há um pesquisador chamado Norman Brown que escreveu um trabalho acadêmico chamado Hermes, o Ladrão: A Evolução de um Mito. Acontece que este mito está relacionado a uma certa revolução na antiga sociedade grega, quando as classes mais baixas, que não possuíam propriedade, começaram a se erguer.

Por exemplo, o poeta Theognis de Megara escreveu que “aqueles que não eram nada se tornaram tudo” e vice versa. Este é essencialmente um dos mais conhecidos slogans comunistas.

Para os antigos gregos, isto estava relacionado, novamente como diz Brown, com o aparecimento do comércio. O comércio era identificado com o roubo. Não havia distinção clara entre a troca de mercadorias legais e ilegais - ou seja, o comércio era tão considerado roubo quanto o que hoje chamamos de pirataria.

Por que aconteceu desta maneira? Porque Hermes era originalmente um deus dos limites e das transições. Portanto, podemos pensar que a propriedade está relacionada a manter algo dentro dos limites. Ao mesmo tempo, as coisas que Hermes protegeu - roubo, comércio e comunicação - estão relacionadas com a traição de fronteiras.

Se pensarmos em periódicos acadêmicos, então qualquer periódico é antes de tudo um meio de comunicação e, portanto, é evidente que manter os periódicos em acesso fechado contradiz a essência daquilo a que eles se destinavam.

Isto, é claro, não é nem mesmo o mais interessante.

Hermes realmente evoluiu - isto é, enquanto ele já foi uma divindade intelectual, mais tarde veio a ser interpretado como o mesmo Thoth, o deus egípcio do conhecimento, e mais tarde veio a supervisionar coisas como astrologia, alquimia e magia - isto é, as coisas das quais, pode-se dizer,

surgiram as ciências contemporâneas. Portanto, podemos dizer que a ciência contemporânea surgiu do roubo.

É claro, alguém pode objetar, dizendo que a ciência contemporânea é muito diferente da esotérica, como a astrologia e a alquimia, mas se olharmos para a história da ciência, vemos que a ciência contemporânea difere das artes antigas sendo a primeira mais aberta.

Ou seja, quando surgiu o movimento em direção a uma maior abertura, a ciência contemporânea também apareceu. Mais uma vez, este não é um argumento a favor das editoras acadêmicas.

De fato, na consciência cultural, a ciência e o processo de aprendizagem sempre estiveram intimamente associados ao roubo, a começar pela lenda de Adão e Eva e a árvore proibida, que é chamada simplesmente de “a árvore do conhecimento”. E é interessante que o logotipo da Elsevier retrata algum tipo de árvore, o que, conseqüentemente, cria associações com esta árvore no Jardim do Éden - a árvore do conhecimento - da qual era proibido comer o fruto.

Da mesma forma, podemos recordar a conhecida lenda do Prometeu, uma parte de nossa consciência cultural, que roubou algum conhecimento e o trouxe aos seres humanos. Mais uma vez, vemos a conexão entre ciência e roubo.

Atualmente, muitos estudiosos têm descrito a ciência como o conhecimento de segredos. No entanto, se olharmos de perto, temos que perguntar: o que é um segredo? Um segredo é algo privado, em essência propriedade privada. Assim, a revelação do segredo significa que ele deixa de ser propriedade. Mais uma vez, vemos a contradição entre o conhecimento e os direitos de propriedade.

Podemos lembrar Robert Merton, que estudou institutos de pesquisa e revelou quatro normas éticas básicas que, em sua opinião, são importantes para seu funcionamento bem sucedido. Uma delas é o comunismo, ou seja, o conhecimento ser compartilhado.

Assim, se olharmos para certas comunidades tradicionais, descobrimos que aquelas comunidades que funcionam

dentro de um sistema de castas (dividindo as pessoas por ocupação) geralmente acabam tendo certas castas de pessoas com ocupações intelectuais, e se olharmos para as normas éticas de tais castas, descobrimos que elas também são comunistas. Você pode encontrar isto, por exemplo, em Platão. Ou mesmo se você olhar para a Índia, você descobre que a acumulação de riqueza é geralmente a ocupação de outra casta.

Em resumo, temos os seguintes aprendizados. A ciência, como parte da cultura, está em conflito com a propriedade privada. Assim, a comunicação acadêmica é um conflito duplo. O que o acesso aberto está fazendo é devolver a ciência às suas raízes essenciais.

## Recado dos editores

O ano de 2023 marcou a volta do projeto BoletIME como um espaço para dar voz à comunidade imeana e uspiana na construção de um meio para registrar desde o cotidiano de cada um até eventos marcantes. Sendo assim, nós do BoletIME gostaríamos de agradecer profundamente neste espaço final a ajuda de cada um que contribuiu para a construção da volta do projeto lendo, divulgando e escrevendo textos durante o ano de 2023.

É muito gratificante para nós ter feito parte desse projeto, e esperamos voltar a todo vapor no ano de 2024. Contaremos e abraçaremos a participação e colaboração de cada um de vocês, leitoras e leitores do BoletIME, para a construção desse projeto.

Em conjunto ao CinIME, gostaríamos, também, de fazer um convite para virem presenciar as últimas sessões para o mês de dezembro para fechar o ano com *A Fuga das Galinhas: A Ameça dos Nuggets (2023)*, *Homem-Aranha: Através do Aranhaverso (2023)* e muita pipoca!

Desejamos um bom final de semestre, boas festas, e um ótimo ano novo a todos!

## Sessões finais do CinIME

Para terminar o ano de 2023, o CinIME organizou a exibição de dois filmes para essa sexta-feira, dia 8 de dezembro, e próxima sexta-feira, dia 15 de dezembro. Esperamos que possam comparecer para mais um fechamento de semestre com muita ação, suspense e pipoca!

Desejamos boas férias, e um feliz Natal e Ano Novo!

Segue abaixo a programação:

### Homem-Aranha: Através do Aranhaverso (2023)



**LOCAL:**

Sala B-05, Bloco B - IME

**DATA/HORA:**

Sexta-feira (08/12)  
15h00

### A Fuga das Galinhas: A Ameça dos Nuggets (2023)



**LOCAL:**

Sala B-05, Bloco B - IME

**DATA/HORA:**

Sexta-feira (15/12)  
15h00